

O reconhecimento das marcas de uma notícia Por alunos de 6^a série do ensino fundamental¹

letrônica

Cláudia Belmonte Rahal²

1 Introdução

Acredita-se que leitura e escrita são processos cognitivos inter-relacionados, onde o conhecimento e o domínio da complexidade de um interferem no outro. Seremos leitores e produtores de textos se considerarmos, como aponta Smith (2003), que a leitura consiste em dar sentido a partir da linguagem escrita, não de decodificar a palavra impressa em sons. Segundo o mesmo autor aprender a ler é, literalmente, uma questão de “entender a leitura”. Assim, para entendê-la e, conseqüentemente, trabalharmos com a escrita é preciso compreender os processos cognitivos envolvidos na linguagem humana durante a leitura, ou seja, como se dá o armazenamento e a recuperação de informações.

Outro aspecto de igual relevância diz respeito à superestrutura do texto (Kintsh, W. & Van Dijk, T., 1978) e o quanto as marcas presentes nessa estrutura são seletivas no momento da leitura, pois determinam o gênero textual (Marcuschi 2002) e, conseqüentemente, o tipo de leitura do mesmo. Segundo Smith (2003), as convenções dos textos permitem que as expectativas dos leitores e as intenções dos escritores se encontrem. Também Kleiman (1999) afirma que são múltiplas as atividades cognitivas que constituem o processo em que o leitor se engaja para construir o sentido de um texto escrito, e, igualmente, em que o escritor se envolve para deixar as pistas necessárias para tal empreendimento. Os leitores irão, assim, reconstruir a intenção do autor seguindo as orientações indicadoras.

¹ O trabalho descrito neste artigo é parte da pesquisa de mestrado da autora realizado pela orientação da Professora Vera Wannmacher Pereira.

² Mestre em Lingüística Aplicada pela PUCRS

A questão abordada neste estudo, centrada no processamento da leitura e da escritura do gênero textual notícia, é que os alunos utilizam marcas da superestrutura de determinados gêneros textuais no momento da leitura e da escritura, ou seja, há indícios nos textos que são considerados tanto pelo sujeito leitor, no momento da compreensão do texto lido, quanto pelo sujeito escritor, no momento em que irá selecionar marcas características do texto que será produzido.

Embora haja essa constatação de uso por parte dos alunos, verificamos a forma compartimentada em que o estudo de Língua Portuguesa apresenta-se, tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio, destacando momentos específicos para a leitura e para a escritura. Observam-se as dificuldades de leitura e de escritura dos nossos alunos, lidando com a leitura como processo a parte da escrita e, na mesma perspectiva, apontando a qualificação da escrita como um caminho independente da leitura, fazendo transparecer, erroneamente, a noção de que o domínio da linguagem ocorrerá de forma segmentada. Como processos independentes, leitura e escritura são trabalhadas no mínimo durante onze anos e pouco se tem alcançado em relação à qualidade de recepção e de produção escrita.

Tendo em vista o conhecimento desse universo escolar, decidimos pesquisar de que forma alunos de 6ª série do Ensino Fundamental reconhecem as marcas de uma notícia, presentes na moldura da sua superestrutura, e de que forma as utilizam no momento da produção de uma notícia. Dois instrumentos foram analisados para o reconhecimento das marcas da superestrutura da notícia durante a leitura: uma forma representativa da moldura da superestrutura de uma notícia, onde foram apresentadas as marcas características do gênero, e um texto/fonte, ou seja, a notícia da qual se originou a forma representativa. Já o instrumento analisado para a utilização das marcas da notícia na escritura foi uma notícia produzida pelos alunos. Os dados foram coletados e os resultados obtidos foram organizados estatisticamente.

2 Texto e Moldura da Superestrutura

Autores como Van Dijk (1977), Kato (1999), Kleiman (2000) e Marcuschi (1983; 2005) levam-nos a defender a posição de que existe uma inter-relação entre as formulações conceituais de texto e de moldura da superestrutura, sendo essa inter-relação demarcada pela forma do texto.

O texto, conforme Van Dijk (1977), apresenta três estruturas constituintes: a micro, a macro e a superestrutura. A microestrutura situa-se no nível local ou da

sentença, enquanto a macro e a superestrutura relacionam-se ao nível global, ou seja, não definem relações entre orações isoladas, mas o seu conjunto. O que diferencia a macroestrutura da superestrutura é que a primeira trata do conteúdo, enquanto a segunda da forma do texto.

Van Dijk (1977) apresenta a idéia de que uma superestrutura fornece a sintaxe completa para o significado global, isto é, para a macroestrutura do texto. Essa idéia faz com que a superestrutura seja vista como um elemento necessário ao processamento da linguagem, pois será ativada sempre que escritor/leitor se deparar com determinada situação comunicativa, preenchendo expectativas de leitura e de produção textual. O falante saberá, por exemplo, qual o esquema utilizado quando for narrar um conto e, da mesma forma, reconhecerá o esquema no momento da interpretação desse texto.

Kato (1999) considera o texto não apenas como unidade formal, mas também como unidade funcional, isto é, como uma unidade de comunicação. A autora define que o modelo de leitura que advém dessa concepção é aquele que considera a leitura como um ato de reconstrução dos processos de sua produção.

Kleiman (2000) traz uma contribuição significativa à noção de construção de estrutura de texto a partir da utilização de pistas lingüísticas locais. A idéia abordada e defendida pela autora é que a construção da estrutura de superfície do texto estará interligada a dois aspectos globais profundos: um relativo à construção de um significado e que está diretamente ligado ao assunto, que seria a macroestrutura, e outro relativo à construção de uma armação sustentadora do assunto, que estaria relacionado ao gênero, que seria a superestrutura.

Marcuschi (1983) amplia a noção de texto, considerando para tal propósito os critérios que serão levados em conta. Assim, definimos texto por critérios internos, sob o ponto de vista imanente ao sistema lingüístico, ou recorremos a critérios temáticos ou transcendentais ao sistema, em que o texto constitui-se em uma unidade em uso ou unidade comunicativa. Ao optarmos pela segunda definição, estaremos ampliando a noção de texto como unidade lingüística, pois será visto como unidade comunicativa. Em 2005, Marcuschi apresenta a idéia de que texto é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual. Para o autor, a distinção entre gênero e tipos textuais é fundamental em todo o trabalho com a produção e a compreensão textual. Quanto à noção de tipo textual, o autor identifica a presença de seqüências lingüísticas típicas que apontarão para determinada tipologia textual. Em relação aos gêneros textuais leva em conta a situação comunicativa de produção e

recepção do texto, ou seja, importarão os critérios de ação prática, circulação sócio-histórica, funcionalidade, conteúdo temático, estilo e composicionalidade. Gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto do trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. A relevância desse destaque deve-se ao fato de que estaremos tratando com a leitura e com a escritura de determinado gênero textual (notícia) que será tipologicamente distinto de outros gêneros textuais.

Assim, definir texto, levando em consideração os estudos atuais da Psicolinguística, é afirmar que, mais que uma sucessão ou combinação de frases, o texto pode ser concebido como resultado parcial de uma atividade comunicativa. São os falantes/escritores que constroem o texto como possibilidade de concretizar suas intenções comunicativas e sociais através de uma manifestação linguística concreta, estabelecendo uma interlocução com os ouvintes/leitores.

A concepção de texto, pertinente a esta pesquisa, foi construída a partir das contribuições dos teóricos citados anteriormente, porque acreditamos que, devido à complexidade do presente estudo, que se propõe a analisar como as marcas da moldura da superestrutura interferem na leitura e na escritura, esse seja o caminho mais adequado. Desse modo, ao nos referirmos a texto, estaremos compreendendo que no nível global, segundo Van Dijk (1977), encontra-se uma forma convencional, a superestrutura, ou seja, um esquema que organiza a macroestrutura (conteúdo global do texto). Nessa forma convencional estarão presentes as marcas (verbais e não-verbais) de uma notícia. O termo teórico superestrutura, também denominado por esquema, destaca a identidade do gênero, levando-se em consideração a funcionalidade, isto é, a situação comunicativa de produção e recepção do texto. Também a partir da contribuição significativa em relação à estrutura de texto, apontada por Kleiman (2000), neste estudo, a denominação de moldura da superestrutura é vista como uma armação sustentadora das marcas características do gênero notícia presentes na superfície do texto.

3 Gêneros textuais: superestrutura da notícia

Temos certeza de que, com a nossa experiência como leitores, reconhecemos muito rapidamente quando um texto pertence a um ou outro tipo familiar, geralmente quando reconhecemos algumas características textuais que nos sinalizam que tipo de mensagem pode ser aquela. Assim, partiremos da análise teórica da superestrutura da notícia.

Segundo Kleiman (1999), o conhecimento parcial, estruturado que temos na memória sobre assuntos, situações, eventos típicos de nossa cultura é chamado de “esquema”. O esquema determina, em grande parte, as nossas expectativas sobre a ordem natural das coisas. O esquema também nos permite economia e seletividade na codificação de nossas experiências, isto é, no uso das palavras com as quais tentamos descrever para o outro as nossas experiências.

Essa concepção de esquema explicitada pela autora está, como podemos perceber, ligada ao processamento da leitura do texto, mas, também, pode ser ampliada, de acordo com premissas da nossa investigação, como esquemas relacionados às expectativas dos leitores ao se depararem com a moldura da superestrutura do gênero notícia. Assim, o leitor saberá e buscará marcas que constituem a superestrutura da notícia, como a manchete e a foto com legenda.

Os conhecimentos de mundo são armazenados em nossa memória em forma de modelos cognitivos globais, entre eles estão as superestruturas ou esquemas textuais (Van Dijk, 2004), que são conjuntos de conhecimentos acumulados quanto aos diversos tipos de textos. É assim, por exemplo, que, de tanto ouvir histórias contadas por adultos, as crianças constroem seu modelo de história, que será a base para a construção do esquema ou da superestrutura narrativa, acontecendo o mesmo processo com relação a textos de outros gêneros.

Cada tipo particular de texto tem suas características próprias que determinam a sua natureza ou gênero textual. Quando nos deparamos com determinado texto, esperamos encontrar as características apropriadas, e a identificação das mesmas nos permite reconhecer rapidamente de que gênero é o texto em questão.

As propriedades que permitem identificar cada gênero textual constituem sua textualidade ou textura, ou seja, seqüências lingüísticas típicas (aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas) que serão norteadoras para a identificação do gênero. Da mesma forma, a superestrutura também engloba marcas estruturais globais, isto é, aspectos gráficos e não-verbais característicos de cada gênero textual. Uma reportagem, por exemplo, permite a construção de inúmeros significados pelo leitor a partir do tamanho e do tipo de letras usadas em sua escrita, assim como do tipo de fotos. São propriedades que o fazem específico e permitem distingui-lo dos demais. Dessa forma, uma notícia jamais será confundida com outro gênero de texto, ou servirá para o mesmo propósito.

Se, por um lado, os tipos textuais estão ligados à natureza lingüística da composição, os gêneros textuais representam a materialização desses textos através de características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Caberá ao escritor/falante a escolha por determinado gênero textual a partir da sua intencionalidade comunicativa e considerando, também, a aceitabilidade por parte do seu leitor/ouvinte: o que será transmitido, para quem será transmitido e como fará essa transmissão. Nesse momento, sua opção será por uma notícia, por um bilhete, por um telefonema ou talvez por uma carta. Os gêneros são, em última análise, os reflexos de estruturas sociais recorrentes e típicas de cada cultura (Marcuschi, 2005).

Torna-se relevante essa distinção ao trabalharmos com a leitura e a escritura, pois ampliamos o olhar para esse objeto da escritura e da leitura, que é o texto, passando a enxergá-lo como uma construção de propriedades lingüísticas intrínsecas, e também como realizações lingüísticas e extralingüísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas.

A escolha e a adequação do gênero textual estão, portanto, relacionadas ao objetivo de interação comunicativa, dependendo do contexto em que será produzido o texto e, principalmente, do contrato estabelecido entre os interlocutores. Um texto não é um produto acabado; ele é construído ou reconstruído em dado momento, pela relação estabelecida entre leitor e escritor. O “para quê” funcionará como determinante do “como” ao interagirmos com outras pessoas por meio da linguagem.

O texto assume uma nova concepção e possibilita novos estudos em relação à sua produção e à sua construção de sentidos.

Os gêneros textuais são modelos comunicativos e, como tal, possuem uma superestrutura que os identifica como sendo uma notícia, por exemplo. Essa superestrutura está diretamente relacionada à forma global do texto, levando em consideração os aspectos esquemáticos, como posicionamento do título, do *lead*, da imagem, do corpo do texto, ou seja, o que está relacionado, segundo Kleiman (1999), à diagramação da notícia.

A importância do reconhecimento da superestrutura de um texto deve-se ao fato de que cada gênero textual cria uma expectativa no interlocutor, preparando-o para uma determinada reação. O vínculo estabelecido a partir da superestrutura do texto, no momento da leitura, ativa os modelos esquemáticos cognitivos na memória do leitor e, conseqüentemente, será um fator determinante para a compreensão leitora de

determinado texto, uma vez que o leitor cognitivamente engajado vai testar hipóteses que identifiquem a superestrutura do texto lido.

Orlandi (1999) aborda que saber ler é saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o constitui significativamente. Assim, a autora deixa-nos claro que não se lê da mesma forma um texto literário e um texto científico, um conto de fadas e um cálculo matemático.

Em seus textos, Van Dijk (2004) ressalta que cada leitor pode eleger, em uma notícia, determinadas informações mais importantes ou relevantes por conta do modelo cognitivo pessoal. Segundo o autor, esse modelo é uma representação mental na memória, é a cognição de um evento, de uma situação. A relevância dessa constatação encontra-se na possibilidade de organizarmos o processo de leitura, compreensão e produção de informações diante de um texto. As superestruturas aparecem, aqui, como esquemas para as formas convencionais dos textos, sendo que o conhecimento dessas formas facilita a recordação e a produção de textos.

Distinguir a estrutura de uma carta, de um relato ou de um diálogo ajuda o aluno a ativar seus conhecimentos referentes às características gráficas, formais e lingüísticas do texto, podendo, assim, codificar a informação textual dentro das categorias do esquema ativado, distribuindo os conteúdos nela. Posteriormente, pode utilizar esse mesmo esquema organizacional como um plano para retomar a informação quando necessitar dela.

Bonini (2002), em sua obra “Gêneros textuais e Cognição”, apresenta a superestrutura como esquema abstrato com categorias vazias, correspondentes ao formato característico de determinado texto. Nesse momento, reconhece que a superestrutura serve como poderoso recurso *top-down*, indicando, em forma de sintaxe textual, o modo como as proposições em um texto deverão ser processadas, como se fosse uma moldura. Corresponde, grosso modo, aos modelos de esquemas, marcos ou roteiros.

Travaglia (2000) chama a atenção para a reformulação da definição do conceito de coerência feita por Van Dijk (1977). Em seus trabalhos iniciais, considerava que a coerência era uma propriedade lógica do texto. Atualmente considera que a coerência não é apenas uma propriedade do texto, mas o que se estabelece numa situação comunicativa entre usuários que têm modelos cognitivos comuns ou semelhantes, adquiridos em dada cultura.

Todo falante da língua possui o que chamamos de competência textual, ou seja, a capacidade de, em situações de interação comunicativa, produzir e compreender textos considerados bem formados, coerentes, valendo-se, de acordo com Travaglia (1998), de três capacidades básicas: capacidade formativa, capacidade transformativa e capacidade qualificativa. A capacidade formativa permite produzir e compreender um número potencialmente ilimitado de textos inéditos e avaliar, com convergência, a boa ou a má formação de um texto dado. Já a capacidade transformativa diz respeito à capacidade de parafrasear, reformular e resumir um texto dado, bem como de avaliar a adequação do produto destas atividades. Por último, a capacidade qualificativa confere a possibilidade de tipificar, com convergência, um texto dado e a possibilidade de produzir um texto de tipo particular. Dessa forma, a competência textual, inerente a todo falante, em consonância com o conhecimento adquirido através da leitura e compreensão de diferentes gêneros textuais, desenvolve a competência comunicativa através do domínio de novas habilidades.

Na presente pesquisa, trabalhamos com o gênero textual notícia e, concordando com Travaglia (1998), vemos como é importante realizar a análise das marcas de relação entre as unidades de composição textual que a língua usa no gênero destacado, para que é relevante a capacidade qualificativa que possuímos como falantes.

Aproximando-se de Travaglia (1998), ao considerar as marcas que estabelecem a composição textual, Colomer e Camps (2002) destacam um nível de conhecimento em relação ao texto escrito: conhecimento paralingüístico. Acreditamos que esse destaque é pertinente ao presente estudo exatamente por se referir ao conhecimento que os leitores possuem em relação ao texto escrito, como acerca de elementos tipográficos, convenções na distribuição e separação do texto, convenções na organização da informação de cada tipo de texto. Esses conhecimentos, conforme os autores citados acima, serão utilizados pelos leitores como facilitadores de sua leitura.

O estudo da organização textual característica de diferentes textos, de acordo com Lopes-Rossi (2002), foi um tema bastante abordado pela Lingüística Textual, a partir dos anos 80, sob a denominação de “superestrutura textual”. Segundo a autora, na perspectiva de ensino atual, devemos considerar como parte da organização textual não apenas o texto verbal, mas também todos os elementos não-verbais que compõem os gêneros textuais, representando a materialidade e o suporte de cada gênero.

A notícia, assim como a entrevista, a reportagem e o editorial, é um gênero jornalístico e, como tal, apresenta uma linguagem clara e objetiva, em que a exigência

passa a ser o emprego do mínimo de palavras e o máximo de informação. Há, também, a necessidade de essa informação estar organizada segundo critérios específicos de diagramação.

No tocante ao gênero notícia, os manuais de estilo atêm-se, de modo geral, como forma de estruturação do texto, no que se refere à sua superestrutura, a dois elementos: a estruturação do *lead* e o corpo, através do princípio da pirâmide invertida, no qual se começa pelo fato mais importante para finalizar com os detalhes. O *lead* consiste normalmente no primeiro parágrafo da notícia e é a parte que apresenta um resumo, em poucas linhas, em que são fornecidas respostas às questões fundamentais do jornalismo: *o quê?* (fatos), *quem?* (personagens/pessoas), *quando?* (tempo), *onde?* (lugar), *como?* e *por quê?* O corpo da notícia é a parte que apresenta o detalhamento do *lead*, fornecendo ao leitor novas informações, em ordem cronológica ou de importância. Além do *lead* e do corpo, outros elementos compõem a moldura da superestrutura do gênero notícia: o nome do jornal, a data de publicação, o número da página, a seção ou caderno do jornal, a manchete, a identificação do jornalista, a foto com legenda e o e-mail para o contato com o autor da notícia. O título cumpre uma dupla função – sintetizar o tema central e atrair a atenção do leitor. A introdução contém o principal da informação e, no desenvolvimento, incluem-se os detalhes que não aparecem na introdução. Partindo dessa situação, elencamos, nesta pesquisa, sete marcas constitutivas da moldura da superestrutura da notícia: dados de identificação do jornal (o nome do jornal, a data de publicação, o número da página, a seção ou caderno do jornal), a manchete, o nome do jornalista, o *lead*, o corpo da notícia, a imagem com legenda e o e-mail do jornalista.

Outro aspecto importante em relação à notícia diz respeito às variações na estrutura e na linguagem dependendo do suporte, ou seja, uma notícia publicada em um jornal escrito geralmente apresenta um corpo bem mais desenvolvido do que uma notícia divulgada no rádio ou na televisão. Da mesma forma, a linguagem da notícia escrita costuma ser mais formal que a da notícia falada.

Para o estudo a que nos propomos, é de extrema importância a identificação das marcas que compõem a moldura da superestrutura da notícia, incluindo aspectos verbais e não-verbais da diagramação da notícia, como denominou Kleiman (1999). O conhecimento dessa superestrutura funcionará como facilitador e organizador nos dois processos enfocados nesse estudo: leitura e escritura.

4 Leitura e escritura

Referir-nos à leitura é, necessariamente, pensarmos em escritura, pois ambas estão inseridas em um mesmo processo cognitivo que tem como fonte o texto. O texto é o oportunizador de sentido. A escritura começa na construção de sentido, e a leitura é uma atividade seqüencial, da qual o último momento é, também, a construção de sentidos. O produto da escritura é o texto e o produto da leitura é a construção de sentido, isto é, a compreensão.

A compreensão, conforme Smith (2003), é mais apropriadamente considerada como um estado, o oposto da confusão. Compreendemos no momento que obtemos possíveis respostas para determinadas perguntas diante dos textos; no entanto, essa construção é mental e, portanto, impossível de ser quantificada como um número limitado. O significado se constrói a partir da leitura e da compreensão das informações lingüísticas do texto ou do conhecimento de mundo que todo o leitor acessa no momento da leitura.

Ler, segundo o mesmo autor, é uma questão de formar um sentido da impressão; a significatividade é a base do aprendizado. Uma série de informações só terá sentido para as crianças no momento em que essas tiverem um propósito ou quando responderem a alguma de suas perguntas como leitores. Assim, a informação visual gráfica funcionará como uma forma de ambientar a criança àquele signo lingüístico; a palavra impressa proporcionará uma base efetiva para o aprendizado.

Esse aprendizado ocorre muito antes de a criança ingressar na escola, pois já está inserida em um contexto de informações escritas ou faladas, seja em casa, através do convívio com seus pais, seja junto a um grupo de amigos, em que o ler e o escrever fazem parte das brincadeiras infantis. Conhecem o modo como a palavra escrita é utilizada na comunidade da qual fazem parte.

Surge, dessa forma, o que Smith (1983) denominou de “Clube de Alfabetização”. Da mesma forma que as crianças aprendem a falar ouvindo, acabam reconhecendo as particularidades da linguagem escrita e associam-se a esse clube naturalmente, quase de maneira inconsciente. A função da linguagem, a intencionalidade de comunicação, faz com que as crianças invistam e percorram esse caminho do código escrito.

Na escritura temos como ponto de partida a idéia, o sentido, o qual é também o ponto de chegada da leitura. Enquanto a escritura constrói um texto a partir de um sentido, a leitura, a partir do texto, procura reconstruir o sentido que estava na mente do

escritor. Repetindo-se o que disse Smith (1983): “ler como escritor e escrever como leitor” pode parecer que estamos, à primeira vista, fazendo um simples jogo de palavras; contudo, a afirmação representa uma nova concepção para abordarmos a questão da leitura e da escritura. Se a criança aprende a falar porque ouve como falante, e não como um simples ouvinte, é lógico que, lendo como escritor, busca decifrar as pistas lingüísticas deixadas pelo autor ao construir seu texto. Desse modo, estará habilitada a construir seus próprios textos, deixando suas próprias pistas para seus leitores; escrevendo naturalmente como leitora.

A leitura e a escritura são vistas como um empreendimento cooperativo, através do que o escritor apresenta as informações que julga não serem de conhecimento do leitor, ancorando-as em informações que julga já serem do conhecimento do leitor. Este, por sua vez, busca todas as pistas possíveis para reconstruir o texto lido.

Esse aspecto, que merece destaque ao tratarmos de texto e de construção de sentidos do texto, foi apresentado por Smith (1983), que o denominou “contrato cooperativo” entre escritor e leitor. Tal contrato está baseado no sintagma dado-novo, isto é, na perspectiva de que, em um texto, toda nova informação deverá ser ancorada em um dado já estabelecido (conhecido). Assim, o escritor deixará pistas, durante a produção, que serão seguidas pelo leitor no momento do processamento para construir os sentidos do texto. É importante destacarmos que a construção de sentido do texto passa por um equilíbrio entre o dado e o novo, possibilitando a continuidade de leitura compreensiva do texto. O escritor insere no texto todas as pistas necessárias para facilitar ao leitor a compreensão do mesmo. Por outro lado, o leitor espera encontrar as pistas que o guiam à construção do sentido, beneficiando-se com todas as marcas possíveis nessa reconstrução. Podemos dizer que, enquanto a escritura constrói um texto a partir de um sentido, a leitura, a partir de um texto, reconstrói o sentido que estava na cabeça do escritor.

O “contrato cooperativo” é extremamente significativo no decorrer da pesquisa, pois pressupomos que o leitor chegará às características que o levarão a identificar determinado gênero textual a partir das pistas deixadas pelo escritor no momento da sua produção e, igualmente, só será capaz de produzir textos com superestruturas semelhantes se tiver se apropriado dessas marcas estruturais durante a leitura do mesmo gênero. Nosso foco principal é verificar quanto a leitura marca a escritura.

Nessa análise, será imprescindível a constatação do nível de consciência lingüística dos alunos ao trabalharem com o gênero notícia. Para tanto, cabe ressaltar

que tratar de consciência lingüística é referir-se à habilidade do indivíduo de descrever e de agir sobre os próprios conhecimentos lingüísticos. É através da escola que a criança adquire consciência do sistema lingüístico, consciência essa que desempenhará papel preponderante no desenvolvimento de seu raciocínio. De acordo com Poersch (1998), o processo da conscientização constitui um *continuum*, que parte do totalmente inconsciente, passa por níveis que denotam pré-consciência, um simples dar-se conta (conhecimento tácito) e chega ao nível da consciência plena (conhecimento explícito). Chegar ao nível de consciência plena é ter a possibilidade de explicitar e monitorar determinada atividade, pois o objeto em foco será alvo de reflexão, tendo o sujeito consciência do que é percebido e aprendido.

A comunicação do conhecimento explícito alcançado pelo sujeito ocorrerá através da verbalização. Poersch (1998), ao referir-se à linguagem como um sistema verbal para fins comunicativos, distingue o produto e o processo oriundos desse fim, chamando a atenção do leitor para a possibilidade de ambos serem analisados; o que dependerá de uma opção metodológica. Se a opção for analisar o produto, teremos a metalinguagem, mas se a opção for analisar o processo, teremos a metacognição. Logo, podemos ter consciência tanto do produto quanto do processo.

Essa noção foi significativa para a presente pesquisa, pois diante de determinados instrumentos (forma representativa da moldura de uma notícia e texto-fonte) analisamos o que o sujeito sabe e como sabe, ou seja, o processo. A metalinguagem esteve ligada ao produto (reconhecimento das marcas da moldura da superestrutura da notícia), enquanto a metacognição embasou o estudo dos processos de leitura e de escritura no que diz respeito ao modo como cada sujeito chegou a determinadas escolhas, à justificativa da presença de determinadas marcas como representativas do gênero notícia, enfim, a que estratégias foram utilizadas para esse fim.

5 A pesquisa: caracterização e aplicação

Como a proposta deste estudo foi investigar de que modo o conhecimento das marcas da moldura da superestrutura do gênero notícia, por alunos de sexta série do Ensino Fundamental, revela-se na leitura e na escritura, os objetivos específicos obedeceram à seguinte lógica:

a) analisar as marcas da moldura da superestrutura da notícia identificadas pelo sujeito, durante a leitura da forma representativa da moldura desse gênero textual e no decorrer da leitura de seu texto/fonte;

b) verificar o nível de consciência lingüística dos sujeitos em relação à identificação das marcas da moldura da superestrutura da notícia durante a leitura da forma representativa desse gênero textual;

c) analisar as marcas da moldura da superestrutura da notícia utilizadas pelos sujeitos na produção desse gênero textual, examinando as correlações existentes entre o nível de consciência lingüística dos sujeitos e a utilização dessas marcas na produção de notícia;

d) examinar as correlações existentes entre as marcas da moldura da superestrutura da notícia identificadas pelos sujeitos durante a leitura da forma representativa desse gênero textual e do seu texto/fonte e as utilizadas por eles na produção desse mesmo gênero textual.

A partir dos objetivos específicos detalhados anteriormente, partiu-se para a aplicação dos instrumentos de pesquisa a fim de verificarmos a correlação positiva e significativa entre as marcas encontradas na leitura de determinada notícia e as utilizadas na escritura de uma nova notícia, assim como o nível de consciência lingüística dos sujeitos pesquisados ao verbalizarem sobre os dois processos.

Conforme apontado na parte dos pressupostos teóricos, tínhamos como foco da pesquisa a identificação das marcas da notícia durante a leitura e, posteriormente, a utilização das mesmas na escritura de uma notícia. Assim, destacamos as seguintes marcas para nossa análise: M1- dados de identificação do jornal; M2- manchete; M3- nome do jornalista; M4- lead; M5- corpo da notícia; M6- imagem com legenda e M7- e-mail do jornalista. O total de sujeitos pesquisados foram trinta alunos de 6ª série.

O esquema abaixo busca esclarecer a seqüência da aplicação dos instrumentos:



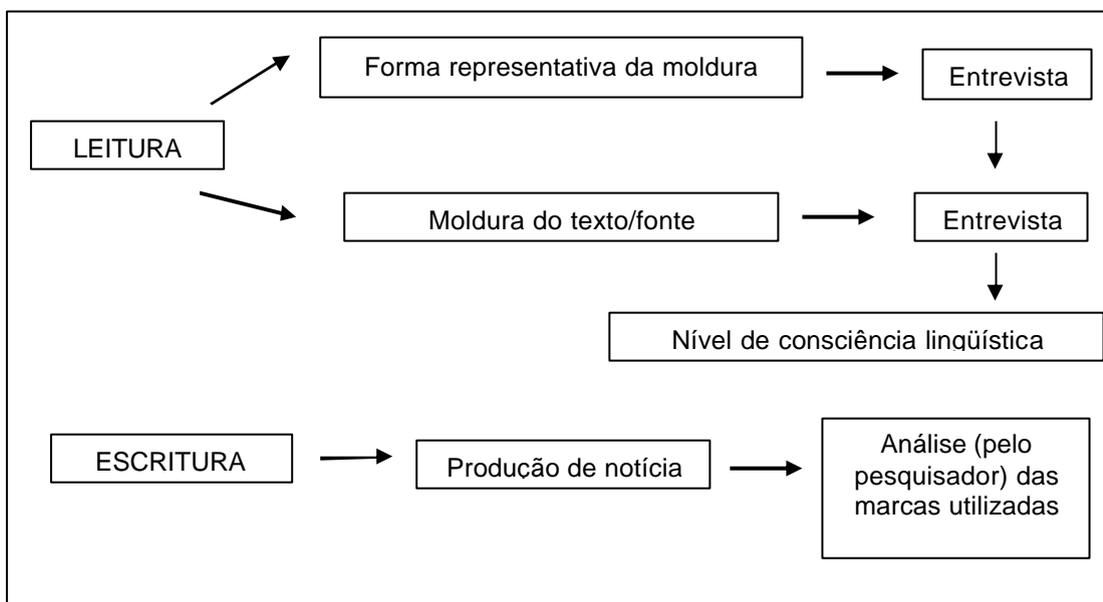
Fig. 1

Forma representativa da moldura



Fig. 2

Moldura do texto/fonte



Esquema 1 – Seqüência da aplicação dos instrumentos

6 Considerações finais

A presente pesquisa teve como objetivo principal verificar a relação entre leitura e escrita no que se refere à identificação e à utilização de marcas da moldura da superestrutura do gênero notícia. Além disso, propôs-se a investigar o nível de consciência linguística do grupo por ocasião da identificação das marcas presentes na forma representativa da moldura da superestrutura da notícia, já que a consciência linguística significou fator determinante nessa identificação da composicionalidade do gênero em estudo, conforme podemos observar na figura abaixo:

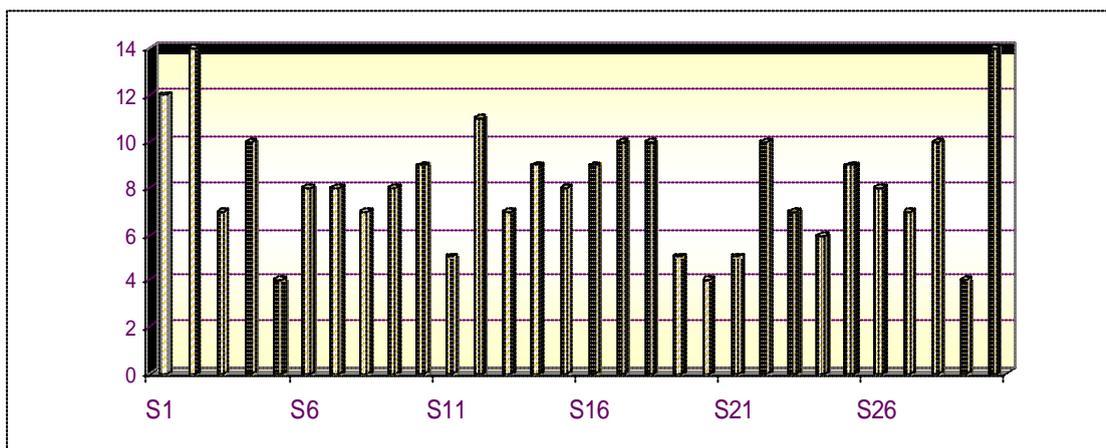


Gráfico 1 - Nível de consciência lingüística dos sujeitos ao identificarem as marcas na forma representativa da moldura da superestrutura da notícia . Fonte: Lorí Viali (2006).

De acordo com os critérios estabelecidos, o nível de consciência lingüística dos sujeitos variou de um mínimo de 4 (28,6%) pontos a um máximo de 14 (100%) pontos ao identificarem as marcas da moldura da superestrutura na forma representativa da moldura. O valor médio ficou em 8,2 pontos ou, considerando-se os valores percentualmente, o percentual médio foi de 58,3%.

Os coeficientes de associação, levantados estatisticamente, entre as três situações da pesquisa – leitura da forma representativa da moldura da superestrutura da notícia, leitura da moldura do texto/fonte e produção de uma notícia - levam-nos a indicar que aspectos cognitivos são considerados e confirmam o índice de certa regularidade presente nessa situação, conforme podemos verificar na tabela abaixo.

Identificação de marcas da moldura da superestrutura da notícia nas três situações da pesquisa

Marcas	Tabela 1	Tabela 2	Tabela 3
M1	25	25	23
M2	28	24	30
M3	7	8	12
M4	20	19	25
M5	17	27	30
M6	30	26	30
M7	19	13	15

M1: dados de identificação do jornal; **M2**: manchete; **M3**: nome do jornalista; **M4**: lead; **M5**: corpo da notícia; **M6**: imagem com legenda e **M7**: e-mail do jornalista (total de respondentes = 30). Fonte: Lorí Viali (2006).

A idéia da superestrutura também nos remete a outros aspectos cognitivos da leitura: o papel da memória e do conhecimento prévio. Essa identidade de texto, organizada a partir de determinadas marcas ou esquemas textuais na memória dos sujeitos da pesquisa, foi ativada no momento da leitura da forma representativa da moldura da superestrutura e, também, durante a produção da notícia. Pelos dados estatísticos apresentados, fica-nos a certeza de que a ativação da moldura da superestrutura representou um facilitador e um organizador para os sujeitos da pesquisa, porque recordaram marcas importantes e as utilizaram no momento de suas produções.

Analisando-se os resultados obtidos, a forma de pensar dos sujeitos, através das suas verbalizações, constitui-se a certeza de que muitos aspectos estão envolvidos na leitura e na escritura de textos. Uma das conclusões possíveis, mediante esses resultados, é a necessidade de um trabalho sistemático com gêneros textuais, sendo prioridade revisitarmos as nossas concepções de leitura e de escritura, pois, por muito tempo, acreditou-se que o professor deveria trabalhar com as idéias, ou seja, com o conteúdo do texto (macroestrutura) a ser lido ou produzido pelo estudante, deixando de analisar a moldura da superestrutura de cada gênero textual. Solicitava-se ao aluno que escrevesse uma notícia, só para citar um exemplo, e o estudante sabia o que dizer, mas não como fazê-lo, uma vez que não havia sido trabalhada a moldura da superestrutura desse gênero. Não podemos esquecer que um texto é um todo significativo que comunica algo ao leitor, que interage com ele no momento da leitura e da construção de sentido; do mesmo modo, devemos ter clareza de que todas as marcas (pistas) presentes em um texto são importantes e complementares para a compreensão do mesmo.

Contudo, a mensuração do nível de consciência lingüística (58,3%) do grupo de sujeitos sinaliza que o caminho para o ensino de língua materna, em especial para o ensino de leitura e de escritura, deverá prever procedimentos que propiciem esse pensar a respeito da linguagem, através de atividades de leitura e de escritura que sejam significativas.

É importante, ainda, mencionar que a presente pesquisa não esgota o assunto abordado, dado a complexidade dos processos aqui envolvidos: leitura e escritura. Serve, no entanto, de referência para que novos estudos a respeito da relação entre leitura e escritura, no que se refere à identificação e à utilização de marcas da moldura da superestrutura do gênero notícia, sejam realizados, aprofundando outros aspectos do tema, como, por exemplo, as relações entre a microestrutura, a macroestrutura e a superestrutura. Igualmente, poderá servir de referência para estudos de outros gêneros

textuais, uma vez que haverá tantas superestruturas quantos gêneros textuais circundantes em nossa sociedade.

Referências:

BONINI, Adair. *Gêneros textuais e cognição: um estudo sobre a organização cognitiva da Identidade de textos*. Florianópolis: Insular, 2002.

COLOMER, T. e CAMPS, A. *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. São Paulo: Artmed Editora, 2002.

DIJK, T. Van *Gramáticas textuais e estruturas narrativas*. São Paulo: Cultrix, 1977.

DIJK, T. Van. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 2004.

GOODMAN, Kenneth S. Unidade na leitura: um modelo psicolinguístico transacional. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 26, n. 4, 1991.

KATO, Mary. *O aprendizado da leitura*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KINTSH, W. & van DIJK, T. A. *Toward a model of text comprehension and production*. *Psychological Review*. 1978.

KLEIMAN, Ângela; MORAES, Sílvia. *Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 7. ed. Campinas: Pontes, 2000.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 6. ed. Campinas: Pontes, 1999.

LOPES-ROSSI, Maria A. G. A produção de texto escrito na escola a partir de gêneros discursivos. In: SILVA, E. R. da. (Org.). *Texto e ensino*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. Recife, UFPE/ Mestrado em Letras e Linguística, 1983.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In PAIVA, Ângela et al, *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros Textuais, Mídia e Ensino de Língua*. S. Paulo: Cortez. 2002.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

ORLANDI, Eni P. (Org.). *A leitura e os leitores*. São Paulo: Pontes, 1998.

POERSCH, José M. et al. Contribuições do paradigma conexcionista na obtenção do conhecimento lingüístico. In: LAMPRECHT, Regina R., *Anais do IV Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

POERSCH, José M. Implicações da consciência lingüística no ensino-aprendizagem da linguagem. In: *Actas do 5º Congresso Internacional de Psicolingüística Aplicada*. Porto Alegre: ISAPL, 1998.

POERSCH, José M. Como pode a psicolingüística tornar-se arte? In: POERSCH, José M. (Org.). *Psicolingüística: ciência e arte*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

POERSCH, José M. Por um nível metaplícito na construção do sentido textual. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 86, 1991.

POERSCH, José M. Novas direções nas pesquisas sobre a associação leitura/escritura: à guisa de apresentação. *Letras de Hoje*: Porto Alegre, v. 28, n. 4, dez. 1993.

POERSCH, José M. A leitura como fonte de saber lingüístico: processos cognitivos. *Letras de Hoje*: Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 401-407, set. 2001.

POERSCH, José M. A succession of reading and writing activities. Psycholinguistics as a multidisciplinary connected science. Proceedings of the 4th ISAPL International Congress, p. 23-27, jun.1994. In: *Contento, Cesena: II Ponte Vecchio*, p. 66-70,1996.

POERSCH, José M.; MUNEROLI, Alda Nivete Oliveira. O leitor como intérprete das pistas que o escritor insere no texto: a leitura oral expressiva. *Letras de Hoje*: Porto Alegre, v. 28, n. 94, p. 9-24, dez.1993.

SMITH, Frank. *Compreendendo a leitura: uma análise psicolingüística da leitura e do aprender a ler*. Tradução de Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas,2003.

SMITH, Frank. *Leitura significativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SMITH, Frank. Reading like a writer. *Language arts* (Urbana: National Council of Teachers of English), vol. 60, n° 5, p. 627-643, maio de 1983.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos; KOCH, Ingedore G. V. *Texto e coerência*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática ensino plural*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

VIALI, Lorí. Prof. Dr. da FAMAT/PUCRS- estatístico que realizou a análise descritiva dos dados. 2006.